



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - DIREC
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
Reconhecido pela portaria/MEC nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de 04/09/2015
Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental



ELIANE VIEIRA DE PAULA

HISTÓRICO ESTUDANTIL: VIVÊNCIA, TEORIA E
PRÁTICA

JI-PARANÁ/RONDÔNIA

2017

ELIANE VIEIRA DE PAULA

**HISTÓRICO ESTUDANTIL: VIVÊNCIA, TEORIA E
PRÁTICA**

Memorial apresentado ao curso de Pedagogia - Licenciatura para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental, Universidade Federal de Rondônia [UNIR]/ Universidade Aberta do Brasil [UAB]/ Polo de Ji-Paraná, como Pré-requisito para a conclusão do Curso, sob a orientação da Profa. Gicele Sucupira Fernandes.

JI-PARANÁ/RO

2017



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - DIREC
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
Reconhecido pela portaria/MEC nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de 04/09/2015
Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental



MEU HISTÓRICO ESTUDANTIL

ELIANE VIEIRA DE PAULA

Este trabalho foi julgado adequado para obtenção do título de Graduação em Pedagogia e aprovado pelo Departamento de Ciências da Educação.

Prof.a. Dra. Márcia Machado de Lima
Chefe do Departamento de Ciências da Educação

Professores que compuseram a banca:

Presidente: Prof. Gicele Sucupira Fernandes

Membro: Prof. Wendel

Membro: Prof. Walterlina Brasil

**Ji-Paraná/RO
2017**

Dedico este memorial a todos meus colegas de curso que me apoiaram nesta trajetória e a todos educadores e futuros educadores como forma de contribuição para a experiência de todos que são colaboradores e comprometidos com a educação.

Agradecimentos

"Aos meus pais que me incentivaram desde os primeiros anos escolares,

À meus familiares e amigos que me apoiaram neste percurso,

Aos meus filhos pela compreensão nos momentos de ausência,

A todos meus colegas, pessoas a quem aprendi a respeitar e valorizar a cada dia durante o curso,

Aos professores e tutores do curso que foram pacientes e perseverantes ao ensinar “o pulo do gato” da prática pedagógica,

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.”

Paulo Freire

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	1
1.MINHA ALFABETIZAÇÃO.....	2
2.AS BARREIRAS PARA CONCLUSÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	4
3.INICIO E CONCLUSÃO DO ENSINO MÉDIO.....	6
4.FORMAÇÃO ACADÊMICA-SONHO NA FASE FINAL.....	7
CONCLUSÃO.....	11
REFERÊNCIAS.....	13

APRESENTAÇÃO

Através deste memorial pretendo apresentar um relato dos momentos mais importantes que marcaram parte da minha vivência escolar começando pela alfabetização das séries iniciais até a formação acadêmica. Pretendo com o desenvolvimento deste relato demonstrar o meu anseio de transformação social como uma estudante que enfrentou muitos obstáculos para dar continuidade na busca por conhecimentos para a vida profissional e social.

Atualmente sou agente penitenciária, trabalho na Secretaria de Justiça há cinco anos. Anteriormente trabalhei como auxiliar administrativa por 13 anos, e foi neste período que ingressei no curso de pedagogia pela Unir de Rondônia. Quando ingressei no curso de pedagogia eu já tinha experiência como professora nas séries iniciais, pois havia cursado o antigo curso Proformação, que habilitava em dois anos de estudos teóricos acompanhado de estágio para trabalhar com alunos de 1º ao 5º ano do ensino fundamental. Portanto eu já tinha conhecimento prático das barreiras que o professor encontra em sua rotina escolar.

Destaco ainda neste trabalho as dificuldades encontradas na conclusão de cada etapa da escolarização. Hoje, concluindo minha formação acadêmica, consigo compreender o processo de ensino que me foi proposto e que pretendo desenvolver caso venha atuar na área da educação como professora ou outra área educacional. Acredito que a motivação e a disciplina seja a chave para o sucesso na vida escolar. Quando digo disciplina quero falar de organização de objetivos para ter sucesso posteriormente, pois esta organização da rotina estudantil é a chave para termos bons resultados quanto ao cumprimento das metas que traçamos para obtermos êxito futuramente.

MINHA ALFABETIZAÇÃO

Venho de uma família pequena, sendo meus pais eu e um irmão dois anos mais novo. Nasci no Estado Rondônia no ano de 1980, filha de agricultores, passando toda infância na zona rural. Mesmo com pouca instrução e condição financeira meus pais sempre nos incentivaram a estudar, matriculando em idade adequada e sempre participando na nossa vida escolar, conversando sobre nosso desenvolvimento e participando das reuniões e decisões da escola.

Minha mãe começou a frequentar a escola aos 11 anos, estudou até o terceiro ano primário, nos padrões atuais se encaixa no analfabetismo. Quando digo que nos padrões educacionais atuais ela pode se considerar analfabeta porque não consegue ler bem um texto mais técnico, apenas palavras e frases simples e de fácil soletração. Meu pai também não teve acesso à escola e o pouco que aprendeu foi depois de adulto quando estudou durante um mês o antigo Mobral. Ele também contou com apoio de outras pessoas usando a antiga cartilha doada pela coordenação do curso e tirando dúvidas aleatoriamente com quem podia ajudá-lo. E foi também com a cartilha que ele estudou no Mobral que ele me alfabetizou aos 6 anos de idade em casa mesmo. O Movimento Brasileiro de Alfabetização (**MOBRAL**) foi um projeto do governo brasileiro, criado pela Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967, e propunha a alfabetização funcional de jovens e adultos, visando "conduzir a pessoa humana a adquirir técnicas de leitura, escrita e cálculo como meio de integrá-la a sua comunidade, permitindo melhores condições de vida". Criado e mantido pelo regime militar, durante anos, jovens e adultos frequentaram as aulas do **MOBRAL**, cujo objetivo era proporcionar alfabetização e letramento a pessoas acima da idade escolar convencional.

Essa cartilha para os dias atuais seria considerada inadequada para alfabetizar uma criança por não ser lúdica e atrativa aos olhos de uma criança. Ela apresentava o alfabeto completo e depois as famílias silábicas, sem usar figuras que favorecesse a memória e interpretação. Às vezes eu pegava as bulas de medicamentos também para reconhecer as letras e palavras. O método que meu pai usou para me motivar foi dizendo: "*se você estudar bastante vai trabalhar no banco*". Tenho uma boa memória afetiva dessas falas dele. E apesar de não ter sido bancária consegui ter uma vida melhor

que minha família. Os meus pais foram meus maiores incentivadores, apesar de não terem estudado eles sempre deram importância à educação e incentivo aos filhos.

Mas nem tudo foram flores, meu pai com a melhor das intenções me alfabetizou em aproximadamente uns cinco meses, contudo tivemos problemas, pois o conhecimento dele também era limitado para ensinar. Lembro-me do quanto fui advertida e até com castigos leves, por confundir no início as letras p com q, m com n e i com j. Hoje, quase formada em pedagogia tenho consciência de que eu já estava alfabetizada nesse momento. A confusão que eu fazia era por não ter feito a base que é a pré-escola e não diferenciar bem o lado esquerdo e direito e confundia o pingo acima do i e do j. Essa observação foi pauta de explicação quando fizemos a apresentação do estágio realizado no maternal e pré-escola em Seminário V, com professor Wendel.

Quando iniciei meu primeiro ano escolar aos sete anos de idade cursando a antiga 1ª série, o fato de ser bem assistida pela família em termos de incentivo, cuidados básicos, assiduidade e pela desenvoltura na aprendizagem eu era considerada acima da média quando comparada aos meus colegas. Em 1987 quando iniciei o primário na Escola Ari Barroso no município de Urupá - que na época era distrito de Ouro preto do Oeste - os problemas sociais e econômicos afetavam muito as famílias rurais. E a ausência de políticas públicas para dar suporte piorava a situação. As crianças tinham dificuldades de aprendizagem por problemas de saúde, falta de alimentação e de cuidados básicos de higiene corporal. Tinham muitos alunos repetentes, sendo que aos 8 anos cheguei a estudar com alunos de 16 e 17 anos. Algumas crianças e adolescentes em época de colheita e outros serviços na agricultura eram retiradas da escola pelos pais para trabalhar.

Dos momentos da sala de aula na zona rural e apesar da pouca estrutura física das escolas trago comigo boas lembranças, mas também recorro de fatos negativos que vivi nessa fase escolar. A escola em que eu estudava era multisseriada, ou seja, um professor para três ou quatro turmas. A melhor parte era as brincadeiras no pátio e a caminho da escola. Era muito divertido interagir com os colegas em nosso único momento de recreação. Durante o primário sempre tinha festa para comemorar o dia das crianças e eu adorava os bolos e os doces que a professora fazia para nós.

Da minha trajetória de escolarização lembro com mais saudades do 1º e 2º ano. A escola era simples, porém aconchegante. Relembro de muitos acontecimentos, principalmente os mais importantes que realmente ficaram na memória e marcaram aquela época. Um fato que nunca esqueci é de ajudar a professora tomar a leitura dos

colegas na cartilha ou no quadro. Eu me sentia importante e por estar na primeira série já alfabetizada a ponto de tomar a leitura dos colegas. Tenho consciência que se cheguei à formação acadêmica é porque aprendi muitas coisas boas e fui muito motivada e incentivada nos primeiros anos escolares.

As lembranças que marcaram negativamente foram quando aos nove anos iniciei a terceira série na cidade no ano de 1989. Nesse ano meus pais mudaram de endereço quatro vezes. Isso comprometeu o meu desenvolvimento a ponto de ficar para recuperação no final do ano. Na cidade o que mais causou frustração foi o choque cultural, as crianças eram mais vaidosas, tive dificuldade com as novas amigas, e principalmente a professora era muito hostil e arrogante. Eu sentia mesmo a indiferença dela por ser outro perfil de aluno, mais simples ou “caipira” mesmo pra ser mais específica. Na minha época de educação primária e no ensino fundamental os professores eram muito autoritários, usavam uma régua grande e batia na mesa para fazermos silêncio. O que ficou nítido na memória foi à metodologia que os professores usavam para controlar a indisciplina da turma. Conforme cita Piaget: “*A infância é o tempo de maior criatividade na vida de um ser humano*”. Analisando esta citação, percebo que as experiências vivenciadas nas séries iniciais serviram para reflexão sobre as minhas práticas pedagógicas em sala de aula durante a realização do estágio. Dessa forma procurei vigiar minhas atitudes para não ficar transmitindo as coisas negativas que vivenciei e buscando desenvolver técnicas de ensino que transformassem o ambiente escolar num lugar prazeroso, levando os alunos a refletir sobre o seu modo de pensar e agir, propondo a liberdade de buscar a criatividade construindo o seu próprio conhecimento.

No ano seguinte comecei a estudar na zona rural novamente. Numa escola que ficava a dois quilômetros de distancia e funcionavam as quatro séries na mesma sala e período. Naquele tempo não existia aulas de reforço e eu procurava superar as dificuldades refazendo as atividades em casa. Quando conseguia meus pais auxiliava, principalmente nas atividades de matemática que meu pai conseguia dominar melhor e naturalmente. Nunca tive muitos problemas de aprendizagem e assimilava rápido o que a professora explicava. A experiência mais frustrante foi com decorar a tabuada. Na verdade nunca consegui decorar totalmente e também não me fez tanta falta. Eu usei o meu raciocínio e criei meu próprio método para chegar ao resultado, por exemplo: se a professora me perguntasse de uma vez quanto é 7×7 e eu não lembrasse rapidamente eu fazia o seguinte: $7 \times 3 = 21$ e $7 \times 4 = 28$ e $21 + 28 = 49$, eu chegava no resultado correto usando

meu raciocínio sem copiar o resultado. E isso deixava a professora irada, lembro-me de estar na quarta série e ela vir tomar a tabuada com tom muito alterado e arrogante e eu travei, não conseguir lembrar, foi quando ela chamou um aluno do segundo ano que era destaque em matemática e perguntou para ele responder na minha frente, isso me deixou com sentimento de fracasso, e continuou com um discurso irônico, com intuito de fazer sentir-me muito mal. No entanto isso foi um fato isolado que ficou vinculado apenas a memória que tive dessa professora.

AS BARREIRAS PARA CONCLUIR O ENSINO FUNDAMENTAL

Em 1989 concluí o primário, meus pais me mandaram para Ouro Preto do Oeste, para morar na casa de uma tia para estudar. Ocorre que logo no início do ano os professores entraram em greve. Fiquei por mais de mês esperando o início das aulas, o que não aconteceu, acabei ficando desmotivada e sentindo falta da casa dos meus pais e voltei para Urupá. Retomei os estudos no ano seguinte. Iniciar o ensino fundamental foi uma das fases que fiquei mais desorientada durante a minha vida escolar. Saí de uma escola multisseriada e sem muita qualidade de ensino para iniciar a 5ª série, nossa, quando fui fazer o primeiro trabalho escolar não sabia nem por onde começar. Comparando que antes convivía com apenas uma professora em sala e que era a responsável por ministrar todas as disciplinas. No ginásio para cada disciplina havia um professor diferente a aprendizagem ficou bem complicada e tive dificuldades, contudo logo adaptei a nova realidade escolar.

Nesta época eu morava no sítio e tinha que pedalar uma bicicleta por sete quilômetros até a escola que ficava na zona urbana do Município de Urupá-Rondônia. Quando iniciei a 5ª série do ginásio a matemática foi a disciplina que mais me angustiou, não que eu fosse ruim demais em cálculos. Mas aquelas operações ao quadrado, regra de três, valores de x , isso me deixou apreensiva. A professora era muito nervosa e para piorar levava todos os problemas pessoais para a sala de aula. Simplesmente enchia o quadro de atividades ou mandava copiar tal página sem explicar o conteúdo e nem relacionava o mesmo ao cotidiano para que os alunos compreendessem melhor a necessidade de aprender aquela matéria com mais motivação. Quando foi aproximadamente no mês de julho eu desisti dos estudos, mesmo com grandes chances

de ser aprovada. O cansaço e a distância me venceram. Eu era a última da minha turma a chegar em casa. Além disso, eu andava mais de dois quilômetros sozinha em estrada deserta da zona rural.

Quando parei de estudar eu estava com doze anos, voltei a estudar seis anos depois pelo supletivo modular. Nessa época eu já estava com 18 anos e morava na cidade. Eu trabalhava como empregada doméstica e estudava à tarde ou à noite. Logo em seguida eu casei e também tive meu primeiro filho, mesmo assim continuei os estudos normalmente. Dediquei-me bastante, nesta época a média para ser aprovada era de 80% de aproveitamento na prova. Eu eliminei as disciplinas de português e matemática de forma modular que eram doze módulos para cada disciplina. Para a disciplina de língua portuguesa eu tive que me virar, pedir ajuda para colegas ou professores que eventualmente eu encontrava no prédio da Secretaria Municipal de Educação, onde funcionava numa sala a parte o ensino supletivo. Na disciplina de matemática tinha um estagiário que me ajudou muito e às vezes eu recorria aos colegas mais adiantados. As outras disciplinas eram ciências, geografia e história. Essas disciplinas eu eliminei todas num método chamado provão, que funciona da seguinte maneira: uma vez por ano podíamos eliminar uma disciplina inteira numa única prova. Depois de estudado o conteúdo o aluno que conseguisse o aproveitamento mínimo de 50% de aproveitamento era aprovado. Eu me inscrevi nas disciplinas de ciências, geografia e história, estudei bastante, e consegui ser aprovada nas três, sendo que em duas disciplinas tive mais de 80% de aproveitamento. Fiquei muito feliz com o resultado e me senti mais motivada para concluir o ensino médio. Cabe destacar aqui que escolhi fazer português e matemática modular porque essas disciplinas além de mais complexas para quem estava fora da sala de aula a mais de seis anos também seria a base para eu prosseguir no ensino médio. Dez meses após o início dos estudos eu tinha concluído o ensino fundamental. A modalidade de ensino a distância ajudou muito porque eu estava correndo contra o tempo, no entanto deixou a desejar naquelas atividades que envolvem a socialização, discussão e apresentação de trabalhos em grupos e argumentação individual em sala. Essa ausência de encontros presenciais, no meu ponto de vista é a parte negativa do ensino a distância, além disso, pode levar o aluno a desmotivação e abandono pela falta de estímulo e esclarecimento de dúvidas. Atualmente, percebi que a EJA, tem dado um suporte melhor para os alunos, com relação à disponibilidade de professores para auxiliar em todas as disciplinas, encontros presenciais, atividades em sala para melhorar o desenvolvimento social dos estudantes e

alimentação, conforme os demais estudantes regulares. Além de oferecer todo suporte necessário à média de nota para aprovação baixou de 80% para 60%. Essa comparação que faço da EJA é baseada nos estágios que fiz minha cidade atual, Estância Turística de Ouro Preto do Oeste.

INICIO E CONCLUSÃO DO ENSINO MÉDIO

Após a conclusão do ensino fundamentei, iniciei logo em seguida o ensino médio também pelo supletivo no ano de 1999, através da EJA. Quando estava próximo do final do ano e eu estava quase concluindo o ensino médio surgiu a oportunidade de fazer o PROFORMAÇÃO, que na realidade era a habilitação em nível médio para ensino infantil de 1º ao 5º ano. O tempo de conclusão para formação era de dois anos. Durante todo o curso o aluno deveria estar atuando em sala de aula em turma das séries iniciais como pré-escola ou turma do 1º até o 5º ano como titular da turma, sendo devidamente acompanhado por um tutor da área educacional com formação de nível superior. Concluí o curso numa turma da pré-escola o que proporcionou uma boa bagagem de conhecimentos que me auxiliou durante o curso de pedagogia e principalmente durante os estágios do ensino infantil.

O programa do curso funcionava da seguinte maneira: os encontros presenciais eram regularmente a cada quinze dias, sempre aos sábados. E durante as férias nos encontrávamos no Município de Presidente Médici, onde era o polo do curso que atendia os Municípios de Presidente Médici, Alvorada do Oeste e Urupá. Nos encontros quinzenais além de estudarmos as disciplinas que eram do currículo do curso, nós apresentávamos um relatório de tudo que havia sido trabalhado em sala de aula. Este relatório era chamado de memorial e era entregue escrito de forma manuscrita para o tutor que comandava a turma de cada aluno. Uma vez por mês o tutor agendava uma visita e acompanhava integralmente toda aula e analisava e corrigia o plano de aula que o cursista desenvolvia. No último semestre nós desenvolvemos também um projeto com tema relevante voltado para área educacional, o tema era escolhido pelo cursista com

auxílio do tutor. Todos os trabalhos desenvolvidos eram avaliados e atribuídos notas independentes. De toda minha trajetória educacional este período foi muito importante para o meu desenvolvimento. Apesar da cobrança em termos de qualidade e de que a cada semestre passávamos de quinze dias a um mês fora de casa alojados em escolas no Município de Presidente Médici - onde funcionava o núcleo do curso - se hoje eu consegui aprovação em concurso público agradeço a exigência deste curso que me ajudou a escrever e a ler melhor. A parte de gramática e outras áreas da língua portuguesa eram muito cobradas, afinal estávamos sendo preparados para ensinar. A parte de conhecimentos gerais, principalmente o tema sobre política era muito estudada e principalmente legislação com foco principal para educação o que clareou muito a minha visão sobre os direitos sociais do cidadão. Mesmo o curso sendo a nível médio recorde de serem abordados temas que hoje os professores abordam no curso de pedagogia. Na época, isso em 2000 e 2001, já era atual abordar as formas para trabalhar a inclusão social em sala de aula, respeito aos limites que alguns alunos têm seja de origem social, psicológico ou físico.

FORMAÇÃO ACADEMICA–SONHO NA FASE FINAL

Concluído o ensino médio no final do ano de 2001. A partir daí eu comecei a fazer tentativas frustradas de conseguir o tão sonhado diploma universitário. Eu tentei vestibular pela Unir e não fui selecionada na segunda fase que era a temida redação dissertativa argumentativa. Mas não desanimei, fui à luta, nesta mesma época surgiu o Exame Nacional do Ensino Médio-Enem. Um bom desempenho neste exame contempla os estudantes bem classificados com a bolsa de estudos pelo PROUNI. O Prouni (Programa Universidade Para Todos) é um programa criado pelo MEC que fornece bolsas de estudo parciais e integrais em instituições de ensino particulares, para estudantes de baixa renda, sem diploma de nível superior. A finalidade do projeto é ampliar o acesso à educação de nível superior para a população de baixa renda. E como eu já trabalhava na Prefeitura do Município de Urupá no setor orçamentário e também por aptidão tentei uma bolsa de ciências contábeis no período noturno, pois era o único horário que tinha transporte para o Município de Ji-paraná – RO, local da faculdade. Foram várias tentativas de ingresso, mas o curso escolhido e o horário pretendido fizeram a competição pela vaga ser maior e não consegui a bolsa de estudo. A oportunidade veio em 2008 com a seleção para o curso de pedagogia pela Uab/Unir.

Logo em seguida do início do curso de graduação de pedagogia fui comunicada que havia sido selecionada para o curso de ciências contábeis, mas decidi permanecer na pedagogia. Neste momento eu já estava com novos planos para meu futuro. Estava me preparando para o concurso de agente penitenciário, pela Secretaria de Justiça do Estado de Rondônia. A lógica da minha decisão foi tomada pelo fato da pedagogia ser uma ciência humana, o que me possibilitaria mais conhecimento para o cargo a que eu pretendia. Quando fui aprovada para o curso de agente penitenciário, durante o curso de formação, onde estudamos várias disciplinas para obtermos o certificado de conclusão e habilitação para o cargo, nos foi informado que a legislação recomenda que para cargos de confiança dentro da instituição é requisito ser formado em direito, assistência social ou pedagogia. Mesmo que eu nunca tive esta pretensão, pela complexidade da função, senti que fiz a escolha certa, pois a formação em pedagogia fez melhorar a minha visão social e humana em sua complexidade.

No início do curso de pedagogia tive muitas dificuldades, talvez por ser a única aluna de Urupá e não ter nenhum colega ou tutor presencial perto para motivar e também pela distância do polo do curso que é em Ji-paraná. Nesta época eu ainda trabalhava como auxiliar administrativa na prefeitura do Município de Urupá, o salário era quase equivalente a um salário mínimo e teve vez que perdi a disciplina porque não tinha dinheiro para o transporte até o polo em Ji-Paraná.

Enfrentamos muitas barreiras durante a realização do curso, a turma de 2008 a que comecei o curso, teve início na área rural, a estrutura do prédio era ótima, porém a rodovia sem asfalto no período chuvoso e durante a noite dificultava o acesso ao polo. Depois de muita insistência com a coordenação, passamos a ter aulas no campus da Universidade Federal de Rondônia, apesar de não termos um espaço definido, tudo funcionava muito bem, estava me adaptando, consegui conciliar meu estudo com trabalho e preparação para concurso.

Mediante sérios motivos o curso paralisou duas vezes, com períodos muito longos, quando retornou senti desânimo novamente, parecia estar começando tudo de novo. Isto afetou a estrutura emocional perdendo o vínculo acelerado que conduzia anteriormente os estudos, senti vontade de desistir, mas as tutoras e os colegas de curso me incentivaram a prosseguir.

Com o andamento do curso compreendi que a faculdade proporciona informações que estimula a buscar conhecimentos de várias maneiras e assim fui superando os obstáculos. Os materiais e vídeos disponibilizados na plataforma,

pesquisas, leituras e conclusão das tarefas, contribuem para minha formação pessoal e principalmente profissional. Diferente das modalidades anteriores que cumpria apenas o que era proposto de maneira muito tradicional. O curso de pedagogia oferece conhecimentos de várias formas através dos trabalhos do eixo temático elaborados mediante pesquisas de campo e leituras do Projeto Político Pedagógico que menciona o objetivo da instituição de formar cidadãos com aptidão para exercer todo tipo de atividades. Ficou claro que o professor é mediador no processo de aprendizagem proporcionando um ensino de qualidade em que o aluno tenha oportunidade de dialogar e criar estratégias em relação às atividades propostas, construindo seu próprio aprendizado com confiança e credibilidade. O educador prioriza cuidados ao trabalhar o desenvolvimento intelectual e sócio afetivo da criança, demonstrando sua importância na sociedade e sabendo dos seus direitos e deveres. Crianças, jovens e adultos desenvolvem sua capacidade de aprender respeitando as diferenças sociais e culturais.

O professor ao mesmo tempo em que ensina também aprende, através da interação com os alunos. Em relação ao entendimento dos conteúdos, deve valorizar o que eles já sabem, envolvendo os que residem em comunidades menos favorecidas pela assistência social do governo, deve promover a liberdade do aluno a perguntar, valorizando suas respostas no sentido psicológico e na linguagem própria, despertando a curiosidade, incentivando o aluno a pensar sobre seus questionamentos construindo o próprio aprendizado. A sensibilidade da observação pedagógica faz o educador refletir em sua prática pedagógica e ensinar sem apenas transferir conhecimento.

Não sou professora, talvez por isso seja mais difícil elaborar o memorial descritivo, procuro argumentos nas pesquisas de campo, nos trabalhos dos eixos temáticos e estágios supervisionados que realizei. E percebi que o professor comprometido com a qualidade do ensino organiza um planejamento diário que facilita a atuação em sala de aula e atualiza sua prática pedagógica com cursos de formação continuada para atender as dificuldades dos alunos, participa das propostas pedagógicas, está sempre atento ao aprendizado dos alunos, criando métodos que venham a proporcionar um aprendizado diferenciado para os que possuem dificuldades de aprender. Desta forma vejo a importância de me preparar para melhorar a qualidade do meu trabalho no momento de mediar o ensino.

Durante o estagio visitei uma escola municipal na minha atual cidade que conforme Projeto Político Pedagógico predomina a postura tradicional em que o homem vem de uma cultura específica e pronta para obter conhecimentos. Buscando manter as

tradições e o saber trazido da família aponta formas de utilizar estes saberes para desenvolver sua potencialidade de formar e concluir ideias para o exercício da cidadania. Observo que atualmente o compromisso maior da educação consiste em formar indivíduo cada vez mais adaptado a sua comunidade e com habilidades a transformá-la. A metodologia do ensino na escola citada se dividia em construtivista e progressista que dão ênfase a pesquisas e interpretações focadas nos acontecimentos da atualidade priorizando o cotidiano das crianças e promovendo o diálogo e questionamento sobre as atividades propostas para a construção do conhecimento. Os conteúdos foram elaborados respeitando a faixa etária dos alunos, o modo de viver e a cultura. Os recursos didáticos são variados o que agregava e instigava o ensino-aprendizagem de forma prazerosa.

As disciplinas cursadas nesta graduação e as pesquisas de campo auxiliaram com intensidade na construção do meu aprendizado, mas com o estágio, vivenciei a realidade de forma concreta, como os problemas que eram detectados diretamente na sala de aula e no funcionamento da instituição. As diferenças de aprendizado são variadas, mas boa parte dos alunos se compromete e tem facilidade em aprender. Porém o restante necessita de maior atenção e cuidado da professora no momento de incentivá-los na realização das tarefas. Ao saber da história de vida dos alunos foi possível perceber que a falta de interesse acontece por não terem uma referência. A maioria não convive com os pais biológicos e acabam se perdendo na divisão de valores entre outras questões culturais. A convivência com os alunos durante o estágio nos faz refletir sobre as necessidades de cada um, o que pensam e o que acontece em seu meio social. Desta forma criam-se vínculos que envolvem cuidados e afeto sendo essencial aprender também a conduzir o ensino equilibrando o lado emocional.

O estágio é o período do curso que sensibiliza o acadêmico para a escolha da profissão onde ele precisa refletir e criar meios para resolver situações sem frustrar a alegria de aprender, de produzir conhecimentos, viver a universidade, adotando outro modo de pensar e ver o mundo. Não trabalho na educação, mas analisando minha escolarização, principalmente nas séries iniciais, comparando com a vida acadêmica, estou ciente da função de educadora e qual o tipo de aluno pretendo formar, da responsabilidade no momento de mediar o ensino sem apenas transferir o que aprendi, mas buscando criar técnicas que possibilite ao aluno construir o próprio aprendizado, conforme afirmação de Paulo Freire (1996, p.52), precisamos: *“Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a*

sua construção”. Após esta etapa compreendi também a importância do estágio como pré-requisito na conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

CONCLUSÃO

Os anos iniciais do Ensino Fundamental são a base que precisamos para definir a estrutura de todo o percurso escolar, sendo assim o formando em educação que ainda não atua em sala de aula e pretende ser uma profissional da educação precisa estar preparado para mediar o ensino-aprendizagem buscando informações, realizando novas pesquisas, participando de cursos que colabore e enriqueça a prática pedagógica.

Durante a minha formação acadêmica, por meio das teorias que foram abordadas e das práticas em estágios vivenciadas durante o curso, abriram-se inúmeros caminhos, que me deram a oportunidade de compreender e saber por onde iniciar um trabalho educacional que faça a diferença na vida do educando, da sua família e certamente uma transformação na vida social de todos envolvidos na educação.

Compreendi que a criança possui criatividade natural e espontânea e que nós educadores precisamos aproveitar este tempo, criando situações que estimulem a busca do conhecimento, deixando o aluno buscar as respostas através da reflexão e do diálogo, para que desta maneira possam também estar aptas a resolverem problemas que possam surgir durante toda a vida, como afirma Freire (1996),

[...] Ensinar exige disponibilidade para o diálogo. [...] Testemunhar a abertura aos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios, são saberes necessários à prática educativa. Viver a abertura respeitosa aos outros e, quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto da reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente (p. 153).

Durante a formação profissional percebi a importância do professor investigador, pois conhecendo os problemas dos alunos será possível orientá-los na conclusão de tarefas. Observando as possibilidades e as dificuldades apresentadas durante as aulas o professor pode fazer as interferências necessárias para obter êxito no processo de ensino e aprendizagem. Levando em consideração as dificuldades que tive durante a minha fase escolar e os conhecimentos que adquiri durante a minha formação acadêmica, acredito que os grandes estudiosos das dificuldades em aprendizagem nos deram uma

contribuição quanto aos métodos interacionistas e construtivistas que hoje são aplicados em termos didáticos escolares. A aprendizagem quando desenvolvida com auxílio do meio social e construída através de práticas lúdicas se torna mais compreensível diante dos obstáculos que o educando irá encontrar durante toda vida escolar e social.

Concluo afirmando que o curso ofereceu orientações essenciais que foram importantes e auxiliou em várias reflexões a respeito das relações sociais dentro e fora do ambiente escolar e como o professor pode proporcionar ao aluno um ensino de qualidade e que seja voltada para a busca constante do conhecimento e transformação social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PERRENOUD, Philippe; THURLER, Monica Gather. **As Competências para ensinar no século XXI**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

_____. **A pedagogia na escola das diferenças**: fragmentos de uma sociologia do fracasso.

Porto Alegre: Artmed, 2001.

LUCK, Heloisa [et ai]. **A escola participativa**: o trabalho do gestor. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

OLIVEIRA, Dalila Andrade (org.). **Gestão democrática da educação**: desafios contemporâneos. Petrópolis, Vozes, 1997.

Freire, Paulo **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessário a prática da educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura)